

Globethics Repository



O Início da Era Moderna [The Beginning of the Modern Era]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Silva de Souza, Vinicius
Publisher	UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-13 12:22:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234607

O Início da Era Moderna: reflexões arendtianas*

Vinícius Silva de Souza **

Resumo: A Era Moderna inaugura uma forma diferente de pensar o humano e suas ações no mundo, que se transformam por causa das diversas descobertas desse período. Assim, este texto constrói uma análise sistemática dos acontecimentos da modernidade e suas influências na filosofia.

Palavras Chaves: Ponto Arquimediano, Alienação, Dúvida Cartesiana, Introspecção, Inversão

Resumé: L'Ère Moderne inaugure une forme différente de penser l'humain et ses actions dans le monde, qui se transforment à cause de plusieurs découvertes de cette période. Ainsi, ce texte construit une analyse systématique des événements de la modernité et de ses influences dans la philosophie.

Mots-clé: Point d'Archimède, Aliénation, Doute Cartesienne, Introspection, Inversion

Introdução

Este artigo é uma tentativa de elucidar algumas questões presentes no diálogo de Hannah Arendt com Descartes. Tomando como base a obra *A Condição Humana* e as *Meditações*.

O marco da Modernidade para Hannah Arendt está em três acontecimentos decisivos na formação desse período, que inauguram o novo tempo. São eles: a descoberta da América, a reforma protestante e a invenção do telescópio. Esses eventos estão ligados aos respectivos nomes: grandes navegadores, Martin Lutero e Galileu Galilei. A descoberta de um novo continente e a ameaça da tranquilidade religiosa pela reforma demonstram dois acontecimentos fortemente espetaculares perante uma discreta invenção de um telescópio para ver as estrelas. No entanto, esse simples instrumento passaria a ser o primeiro aparato puramente científico que causaria um grande impacto para a modernidade: o de tornar viável a expansão dos limites territoriais para além de uma Terra habitada.

A Terra, através das grandes navegações, tornou-se pequena e conhecida como a palma da mão numa velocidade que eliminou a importância da distância e, com a melhoria dos meios de locomoção, possibilitou uma compreensão do homem como pertencente de um todo terreno. O aprimoramento do conhecimento geográfico trouxe como consequência imediata o sentimento de distanciamento do homem com a Terra, ou seja, separado de seu ambiente terreno, o homem tem um preço a pagar. Dá-se aquilo que Hannah Arendt entende como a alienação do homem com o mundo.

A alienação é compreendida aqui como um afastamento, sentido que tem origem na palavra *Enfremdung* que exprime a idéia de algo que está separado de outra coisa ou que é estranho a essa coisa, como por exemplo, o rompimento de mim na medida em que não posso compreender ou aceitar a mim mesmo, ou o não reconhecimento do pensamento em relação a realidade.

A alienação é fundamental para compreender a Era Moderna. Essa afirmação se justifica em virtude da natureza secular da alienação, que não se confunde com a mundanidade, a qual diz respeito ao enfático interesse das coisas do mundo ou a uma perda de fé. Esta secularização vincula-se à atitude dos antigos cristãos, a qual é demonstrada nos escritos bíblicos, "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", tendo aqui uma separação entre Igreja e Estado, entre Religião e Política. A história moderna apresenta um homem voltado para dentro de si mesmo, inaugurando a alienação como forma de se relacionar com o mundo, ressalta Arendt. O exemplo do primeiro parágrafo da terceira meditação cartesiana confirma essa idéia arendtiano da alienação do homem que volta a si e se desprende do exterior, dos sentidos:

“Fecharei agora os olhos, tamparei meus ouvidos, desviar-me-ei de todos os meus sentidos, apagarei mesmo de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais, ou, ao menos, uma vez que mal se pode fazê-lo, reputá-las-ei como vãs e como falsas.”¹

Historicamente o processo de alienação humana em relação ao mundo é aprimorado no período do declínio do mundo feudal e da formação do Estado Nação, objetivamente com o evento da expropriação dos grupos agrários para a criação da mão de obra do sistema capitalista. Esta nova estrutura econômica precisava de uma classe trabalhadora voltada exclusivamente para as necessidades da vida, conjugado com o fato da sua liberdade de apropriação. Este processo desencadeou a apropriação, desenvolvendo uma estrutura de exploração fundamentada no acúmulo de riquezas para o processo vital da vida humana. Com isso criou-se uma classe de despojados e expropriados, afetados pelo ato de serem privados daquilo que lhe pertenciam, retirando-os a propriedade ou a posse da terra pela simples conveniência de uma nova necessidade pública, desvinculada da terra ou desapropriada do auxílio da família. Com essas mudanças da estrutura social a proteção familiar foi substituída pela classe social, que passava a exercer esse papel protetor.

Essas alterações ocorridas na modernidade são acentuadas com o advento do Telescópio. Esta descoberta inovadora colocou Galileu como o confirmador da tese de que a Terra gira em torno do Sol, isto pelo fato da comprovação empírica dessa teoria. Com isso, mostrando que seu instrumento visual serviu de complemento para a representação dos pensamentos tanto de Nicolau Copérnico, Giordano Bruno e Kepler. Para melhor entendimento apresentaremos em seguida o sentido dessa descoberta para modernidade.

O Ponto Arquimediano e a Descoberta de Galileu

A concepção desse evento no mundo levou a uma explosão de descobertas do conhecimento humano, introduzindo na busca do conhecimento da verdade a instrumentalização no processo de investigação científica. A consequência dessa novidade foi a presença cada vez maior do temor e da esperança, que passaram a andar juntos. Isto porque os sentidos são passíveis de erros e para o homem dizer da terra, ele precisava de um ponto fixo, seguro, que não mais se encontrava na Terra e nem no Sol. Perde-se o ponto de Arquimedes enquanto referência externa ao próprio homem. Sobre essa perda de um ponto fixo Descartes diz:

“Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro.”²

A unificação do Universo pelo aparato tecnológico de instrumentos científicos, levaram a criação de leis válidas e um ponto arquimediano além da Terra ou mesmo além do sol, sendo ele de caráter indeterminado e em movimento no Universo.

A alienação do mundo, do distanciamento do homem em relação ao mundo, dá a marca da Era Moderna e não o renascimento. Pensar o Universo do ponto de vista do pertencimento do homem a Terra, o fez criar leis cósmicas que imitassem a sua atividade terrena. A alienação como separação ou mesmo como um processo de expropriação e mapeamento do mundo permitiu a ciência moderna fazer uso de uma linguagem simbólica não espacial do infinito. Inaugurando um novo olhar do homem diante dos fenômenos naturais .

Destruir a Terra ou transformá-la passou a conferir a capacidade humana de “criar” o milagre da vida, termo antes empregado apenas à ação divina. E do ponto de vista arquimediano este fato pode ser entendido como uma força transmudana, universal e causadora da vida na Terra. Esse Universo passou a ser medido por instrumentos humanos.

Segundo Arendt “não são idéias, mas eventos que mudam o mundo”³ ; o autor do evento moderno, neste caso, foi Galileu e não Descartes. Esse, consciente de que as leis de Galileu eram

válidas, repensou a sua filosofia e a condicionou na hipótese das teorias de Galileu. No entanto, Descartes e os filósofos da época moderna, que levaram a descoberta de Galileu ao nível do pensamento, registraram o choque derivado deste novo ponto de vista.

A Teoria Cartesiana na Modernidade

A dúvida cartesiana advém do assombro diante dessas novidades. O assombro relacionado à dúvida cartesiana é uma reação à nova realidade, vista como um vislumbre diante de uma concepção de mundo em que não era mais a contemplação, nem a observação e nem a especulação que mudava a concepção física do mundo, mas a invenção de um determinado instrumento - o telescópio. Neste caso, considerando a interpretação de Hannah Arendt, entra em cena o *homo faber*, com sua atividade de fazer e fabricar o mundo.

O homem foi enganado ao permanecer fiel aos olhos do corpo e da mente, isto porque a verdade e a realidade não são coisas dadas e nem uma nem outra se apresentam como são. Somente com a eliminação da aparência⁴ pode se atingir o verdadeiro conhecimento, e isso só pode acontecer através da interferência do agir humano. Os sentidos da percepção levam a uma interpretação equivocada da veracidade, como por exemplo, o olho via o Sol que girava entorno da Terra e não o seu contrário que consistia na verdade deste movimento, assim, já não se poderia utilizar a metáfora referente aos olhos da mente. A separação do Ser e da aparência por um instrumento criado pelo homem derrubou tanto a mente como os sentidos.

A dúvida universal cartesiana é autêntica e nada a escapa, desde o pensamento à experiência. Como Arendt ressalta, Descartes parte da crença na dúvida e não na razão, na perda da evidência que dispensa demonstração e que é evidente apenas para o autor e não para todos. A dúvida central está na existência de uma "chamada verdade", apoiada apenas na percepção dos sentidos e na reação ou crença na existência revelada por si mesma ou recebida pelas faculdades humanas; credo presente tanto na antiguidade clássica como na filosofia cristã.

Já a filosofia moderna contrapõe-se a essa tradição de verdade estática, presente entre Ser e aparência, pois as novas descobertas possuem tal causa contrária à confiança humana no mundo e no universo, como se a aparência ainda escondesse algum ser verdadeiro pronto para ser descoberto. Mas agora o Ser tem como característica de fundamentação sua atividade de criar suas próprias aparências, ou embustes. Com tais propriedades o humano, com o auxílio de seus instrumentos, é obrigado a se surpreender e não apenas descobrir as coisas. Como o exemplo citado por Arendt do homem que ao preparar armadilhas para pegar o assaltante, deve surpreendê-lo com sua presença. A primeira meditação cartesiana evidencia esta interpretação do questionamento da confiabilidade nos sentidos, procedendo de tal maneira que deve surpreender e não apenas descobrir as coisas do mundo.

"Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez." ⁵

Existem também outros dois pesadelos modernos cartesianos: primeiro, referente à realidade do mundo e da vida humana, os quais são colocados em dúvida pela descrença no senso comum, na razão e nos sentidos. O segundo aparece no decorrer da obra *Meditações* e é relativo à condição humana perante um Espírito Mau e Enganador, que iludi as faculdades do pensar a partir dos sentidos, proporcionando uma verdade inalcançável. A perda da segurança nos depoimentos estabelecidos como verdadeiros gerou uma insegurança na possibilidade da salvação, ou mesmo na fé, que ensejou um excesso de práticas de boas ações durante a vida e uma aceitação da mentira, pois não havia uma certeza provida de veracidade.

O sucesso do mundo científico se consolidou nas armadilhas de capturar a natureza e revelar seus segredos. A transposição do itinerário do mundo da contemplação, do observador, para a realidade aberta, do fabricante, modificou seu método de verdade, pois agora a prova teórica passava a ser prática, ou seja, funciona ou não a hipótese posta em questão. Se a teoria ocorresse dentro desse sistema dual de falsidade e veracidade, ela enquanto verdade significaria o triunfo da engenhosidade científica independente da aplicabilidade, o que não se sustenta na modernidade.

A substituição da verdade por veracidade e da realidade por confiabilidade, significa que,

mesmo não havendo verdades e certezas, o homem pode ser veraz e confiável, tendo a sua salvação presente nele mesmo. Neste caso, as perguntas da dúvida deveriam estar na própria dúvida e se tudo é duvidoso a dúvida é certa. Portanto, não está na autoconfiança, mas no ato de duvidar que o homem toma conhecimento de um processo de dúvida, o qual o leva a um dizer de sua mente, a uma introspecção.

A introspecção é entendida como um olhar para dentro da própria mente para ver o que se pensa ou se sente. A idéia de que esse processo é semelhante ao da percepção, exceto por ser voltado para o interior. Em vez de conceber esse processo como uma percepção do que se pensa ou se sente, deveríamos talvez encará-lo como uma tentativa de saber o que dizer, ou de ensaiar uma narrativa que poderia tornar-se pública.

O interesse da consciência cognitiva em si mesma, o que caracteriza a introspecção, envolve apenas a mente e não há interferência alheia, a não ser do autor do produto, como salienta Arendt. O homem diante de si mesmo assegura a realidade e garante a sua existência, pela confirmação da mente que reconhece na consciência as sensações e os raciocínios como processos biológicos do corpo. Citando Arendt, "Conhecer e compreender outra coisa além de si mesmo, a filosofia moderna procurará garantir, através da introspecção, que o homem não se preocupasse a não ser consigo mesmo"⁶.

Para resolver o problema do Gênio Maligno, Descartes apresenta a Bondade de Deus como um recurso seguro da possibilidade do homem conhecer o mundo. No entanto, Arendt afirma que na modernidade a relação de Deus com o mundo e a Terra, gerou uma dúvida acerca de sua revelação, pois quanto mais o homem aprendia sobre o universo através da criação de instrumentos, mais ele se questionava sobre qual seria as intenções de seu criador ao criá-lo.

A engenhosidade da introspecção cartesiana esta num desenvolvimento tanto espiritual como intelectual da modernidade. No processo introspectivo, um objeto é visto não como uma mera cópia da realidade recebida pelos sentidos, pois ao ser processado e transformado pela consciência, torna-se parte de um processo em movimento do conhecimento.

A certeza ao ser resguardada pelo pensamento cartesiano surgia como consequência de uma proposta de um método claro e distinto, já que não posso conhecer a verdade como algo dado e revelado. O homem só pode conhecer o que ele mesmo faz, e é pela introspecção, pela consciência de si mesmo que ele produz a realidade humana, que está dentro de si.

O senso comum, antes ligado ao mundo, passava agora pela Era Moderna como uma estrutura da mente, que era comum a todos por meio da faculdade do raciocínio. A matemática simbólica é um exemplo claro dessa transformação do senso comum, pois todos percebem que dois mais dois definitivamente passam a ser quatro, sem mesmo o auxílio geométrico ou espacial de objetos, em que esses processos matemáticos não são simplesmente um equilíbrio harmônico, mas irão desencadear processos de adição ao infinito. A mente sente em si mesma, a si própria, e assim diante dessa mente estrutural comum a todos tornam-se previsíveis as consequências do agir no mundo.

“Nem um Deus nem um mau espírito podem alterar o fato de dois e dois serem quatro”.

Diante do que foi posto acima, o homem cartesiano encontra em si próprio o ponto arquimediano, ou seja, Descartes transfere esse ponto para dentro do próprio homem, o qual se convence da realidade pela redução ao método ligado à mente, à consciência.

A transferência do ponto arquimediano para dentro da mente humana permitiu ao homem uma libertação de sua condição humana presa a Terra, pois ele o levaria a qualquer lugar que fosse. No entanto, esse passo resultou na dúvida universal, pois a partir do homem a explicação da existência se deu por meio de uma harmonia astronômica argumentada pela matematização da física, baseada em conceitos teóricos que não tinham como referência objetos sensoriais e visíveis, resultando num mundo matematicamente pré-concebido.

Mesmo quando transcendemos as aparências para além das experiências sensoriais, o que se verifica “são as mesmas normas que governam o macrocosmo e o microcosmo”⁸, segundo Arendt. A apresentação da realidade advém da própria mente, projetada por instrumentos que submetem a natureza a seus experimentos. As ciências naturais amenizaram a dúvida cartesiana com a transferência do ponto arquimediano para dentro do próprio homem, mas com a “matematificação”⁹ da física, sem a correspondência dos sentidos, teve como consequência a estruturação de uma realidade matemática, sem nenhum modelo correspondente. Descartes ao

reproduzir um pensamento em defesa dessa idéia de mundo matematizado faz a seguinte afirmação.

“Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas; mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e gerais, sem cuidarem se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubitável.”¹⁰

A aplicação dos resultados da mente é sempre plausível para explicar os fenômenos naturais e eles aparecem como o princípio orientador para fabricar e agir. A ciência para provar uma “ordem autêntica” dada pela natureza demonstra, através de seus instrumentos hipotéticos, o resultado de seus experimentos, os quais servem de confirmação do círculo vicioso entre experimentação e hipótese.

O mundo da experimentação científica embora seja criado pelo homem, possibilita e aumenta o seu poder de criar e de agir, mas o aprisiona em sua própria mente, nas limitações de seu intelecto, retirando das coisas materiais, que são visíveis, a comparação essencial para definir as coisas imateriais e inimagináveis. O homem que então se compreende como construtor de sua realidade fecha sua mente para a representação da própria natureza e se abre para o mundo científico, ou seja, um mundo comprovado por experimentos que passa a ser aceito como real, porque é feito por ele.

Sem o mundo dado pelos sentidos, desaparece o mundo transcendental e a possibilidade de transcendência do universo é inacessível e inconcebível por qualquer concepção, tanto pela representação dos sentidos como pelo raciocínio puro, conduzindo a dúvida cartesiana a seu ponto máximo na formação da física moderna e qualquer concepção a seu respeito passou a ser incompreensível e muito mais absurdo que um “leão alado”¹¹.

Enfim, para Hannah Arendt a ciência moderna pode ser definida a partir do exemplo do relógio, um dos primeiros instrumentos modernos que não foi inventado para os fins da vida prática, mas exclusivamente para a finalidade altamente teórica de realizar certos experimentos com a natureza. Ou seja, se o homem pensasse apenas como uma criatura pragmática não haveria nada no mundo e muito menos esse iria sobreviver.

A Inversão do Pensamento Moderno: uma conclusão

A inversão de posições entre contemplação e ação ocorrida na modernidade, se deu com a crença do homem em suas próprias mãos e pela sua capacidade de agir, e não pela contemplação que se poderia atingir do conhecimento da verdade. Com o divórcio entre o Ser e a aparência, já não se esperava a verdade revelada ao olho mental do observador, surgiu uma nova necessidade de buscar a verdade atrás das aparências enganosas. O critério de verificação e ação se colocaram no lugar da passividade da observação e da contemplação. O conhecimento só poderia ser atingido por uma dupla condição: primeiro, que o conhecer se referisse apenas ao que o próprio homem havia feito; segundo, que fosse de uma natureza de ação adicional.

A verdade científica e a filosófica separaram-se; a primeira não precisava ser eterna nem compreensível ou adequada ao raciocínio humano. A ciência teve que evoluir para compreender os resultados da ciência moderna que ofendeu mais que muita verdade filosófica ou revelação divina. A verdade não era mais compreendida por causa da natureza ser divina, mas pelo homem que não compreende nada que não seja feito por ele, pois ele pode descobrir e até mesmo imitar os processos naturais, mas isto não significa que necessite de um sentido ou mesmo de ser inteligível.

O séc. XVII teve uma radical mudança e não uma simples inversão da contemplação e da ação, mas uma inversão entre pensar e fazer. O sentido de contemplar a verdade foi inteiramente abolido e o pensamento passou a ser entendido como meio de se chegar a verdade. Desde Platão

e provavelmente Sócrates, segundo Arendt, o pensar era o diálogo interior do homem que fala consigo mesmo (*eme emauto*)¹².

A inversão que ocorreu não colocou a ação no lugar da contemplação, como se a ação fosse promovida à finalidade última para exercer a contemplação. A inversão ligava-se somente a “atividade de pensar”¹³ que passou a ser serva da ação e a contemplação perdeu seu sentido. Essa ação no mundo é presente no pensamento cartesiano, que tem a paixão e a ação como a mesma coisa em que somente os nomes são diferentes, mas que possuem iguais atribuições. Em suas palavras:

“...encontra-se em mim certa faculdade passiva de sentir, isto é, de receber e conhecer as idéias das coisas sensíveis¹⁴; mas ela me seria inútil, e dela não me poderia servir absolutamente, se não houvesse em mim, ou em outrem, uma faculdade ativa, capaz de formar e de produzir essas idéias”¹⁵.

O exemplo da *periagoge*, a “viravolta” que Platão na *República* demonstra com a alegoria da Caverna, mostra uma inversão da ordem do mundo homérico. Invertendo o exemplo de Homero no seguinte aspecto: não é a vida após a morte, como no Hades, mas a vida comum que está situada numa caverna. A alma não é a sombra do corpo e sim o corpo que é a sombra da alma, que sai do interior da caverna para contemplar as idéias eternas e visíveis.

A inversão feita por Platão do contexto de Homero marca o início de uma tradição que determina parte do pensamento da filosofia ocidental, que várias vezes troca de posição, entre idealismo e materialismo, hedonismo e ascetismo e assim por diante. Uma forma de inversibilidade de sistemas desprovida de um “impulso filosófico”, ressalta Arendt. “Em si, os conceitos permanecem os mesmos, não importa o lugar que ocupem nas várias ordens sistemáticas”¹⁷.

A perda da verdade tradicional, a elevação da atividade do pensar a uma dignidade inesperada e Descartes baseando sua filosofia nas descobertas de Galileu levaram a passagem da filosofia para um segundo plano, sendo ela a principal vítima da modernidade dentre todas as ocupações humanas.

A inversão impulsionada por Galileu, como vimos acima, é de natureza diferente das citações tradicionais. A convicção da verdade objetiva não é dada ao homem, e ele só pode conhecer aquilo que ele mesmo faz. Esta nova compreensão do mundo não advém do ceticismo, mas de uma descoberta demonstrável que não leva a uma resignação, mas uma atividade redobrada. A perda do mundo na filosofia moderna, cuja introspecção descobriu a consciência como sendo interior e o indivíduo que sente seus sentidos é a única segurança da realidade. O filósofo volta as costas para o mundo de enganosa perecibilidade e para o da verdade eterna, mas se recolhe dentro de si mesmo. E no seu interior não mais descobre uma verdade contemplada, mas um constante movimento de percepções sensoriais e atividade mental.

Por conta disso, “... é preciso reconhecer a imperfeição e a fraqueza de nossa natureza”¹⁸.

Notas

* Texto apresentado nas “comunicações arendtianas”, evento realizado em Juiz de Fora, nos dias 26, 27 e 28 de abril, no “Colóquio do Centenário de Hannah Arendt: por amor ao mundo”, em 2006.

** Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Núcleo de Espaço Público e Cultura Cívica, CNPq- UFJF.

1- DESCARTES, René. *Meditações*. Tradução, Bento Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1º edição, pág. 107.

2- DESCARTES, *Meditações...* p. 99.

3- ARENDT, Hannah. "A *Condição Humana*". Tradução, Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária, pág. 285.

4- Aparência aqui neste caso entendida como dimensão superficial, exterior, ilusória da realidade, que corresponde, no âmbito da cognição humana, a todos os obstáculos que impedem a percepção plena da verdade, tais como as opiniões supersticiosas ou irrefletidas do senso comum, as ilusões na captação da natureza pelos sentidos ou as paixões e inclinações que deformam a compreensão objetiva dos fatos.

5- DESCARTES, *Meditações*... p. 94.

6- ARENDT, *A Condição*... pág. 293.

7- DESCARTES, *Meditações*... p. 135.

8- ARENDT, *A Condição*... pág. 299.

9- ARENDT, *A Condição*... p. 300.

10- DESCARTES, *Meditações*... p. 95.

11- ARENDT, *A Condição*... p. 302.

12- Arendt utiliza esse termo grego, remetendo aos diálogos de Platão; um pronome reflexivo que refere-se ao diálogo interior consigo mesmo; de mim mesmo; à interioridade.

13- ARENDT, *A Condição*... p. 305.

14- Descartes com esta passagem mostra a prova da existência das coisas materiais. Parte-se do reconhecimento em mim da existência de uma sensibilidade passiva.

15- DESCARTES, *Meditações*... p. 142.

16- Que significa a ação de conduzir a volta; a ação de fazer voltar, mas com a distinção do termo também ser interpretado como revolução.

17- ARENDT, *A Condição*... p. 306.

18- DESCARTES, *Meditações*... p. 150.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução, Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.

DESCARTES, René. *Meditações*. Tradução, Bento Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1º edição, 1973.

COTTINGHAM, John. *Dicionário de Descartes*. Tradução, Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Tradução, Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.